

# Elogio do humanismo radical\*

DOMINIQUE WOLTON, sociólogo e diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS), é autor de quase vinte livros nos quais a comunicação é o tema predominante. Para ele, a comunicação é o principal desafio social e cultural do século XXI, sendo condição para o gerenciamento das questões de identidade e da democracia na sociedade globalizada.

Autor polêmico, sobretudo no que diz respeito à relação entre comunicação e novas tecnologias, suas idéias inspiram debates inflamados. Nesses termos, o principal alvo de ataque às suas idéias é a sua interpretação de que a Internet tem alcance limitado como meio de comunicação, ao contrário do rádio e da televisão, por exemplo. Defensor das mídias de massa e da televisão generalista, o autor aposta na inteligência e na sensibilidade do público, vendo no desenvolvimento tecnológico nada além do que o interesse mercadológico.

Dominique Wolton esteve em Porto Alegre em maio de 2005, onde ministrou um seminário a convite do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ocasião na qual concedeu esta entrevista. Essa entrevista pretende oferecer ao leitor um panorama da gênese de suas idéias, buscando contextualizar o pensamento atual do autor sobre as tecnologias de informação e da comunicação no conjunto de sua obra, fazendo referência a textos pouco conhecidos no Brasil.

**RF :** Em *Les dégâts du progrès – Les travailleurs face au changement technique* (1977), o senhor identificou duas teses principais sobre a técnica: a da neutralidade da técnica, segundo a qual o importante é o que se faz com ela (todo técnico), e a da técnica como materialização de uma relação de forças, como resultado do uso do poder e da ideo-

Entrevista com  
**Dominique Wolton**

---

logia (todo social). Essas duas hipóteses são excludentes entre si? Qual predomina hoje? Apareceu outra hipótese nesse prazo?

**DW :** Sim, as duas teses são bastante contraditórias. Na primeira, a neutralidade da técnica é alguma coisa que permite dar curso a um projeto político da técnica, enquanto que a segunda tese, do determinismo técnico, é uma teoria que supõe que é a técnica que faz o social. Dito de outro modo, a tese da neutralidade técnica deixa em aberto a questão da política, enquanto que com a tese do determinismo técnico tem-se o sentimento de que é a técnica que faz a política. Então elas são opostas, por exemplo, hoje quanto à teoria da informação. Os defensores do conceito de sociedade de informação são afeitos a uma teoria do determinismo técnico porque supõem que se há computadores e Internet por toda parte haverá a democracia, o que é ridículo! Então, o que fazer diante da tese do determinismo técnico? Colocar novamente a política e a cultura em primeiro lugar.

**RF :** Em *Le tertiaire éclaté - Le travail sans modèle* (1980), ao analisar a situação dos trabalhadores frente aos novos desafios do setor terciário, o senhor percebeu que a indústria perdia seu papel dominante na economia em benefício do setor de serviços, ao mesmo tempo que notava que as tecnologias de produção cediam lugar às tecnologias de informação no ambiente de trabalho. Que análise o senhor faz do trabalhador do século XXI em relação à realidade do mundo do trabalho quase trinta anos após a realização dessa pesquisa?

**DW :** Eu penso que o que eu disse nessa obra é ainda mais verdadeiro hoje do que antes. Quer dizer que se está em um universo do trabalho unicamente em que há os signos, não há mais transformação da matéria, nem da transformação da natureza. Assim, há milhões de homens que trabalham unicamente diante dos computadores, o

que coloca dois problemas: não há outra experiência do que uma experiência abstrata e a necessidade humana de comunicação é cada vez mais importante porque os homens isolados nos computadores têm necessidade de retomar as relações humanas, uma vez que os computadores são desligados. Então, eu diria que toda a solidariedade humana que existia anteriormente com a experiência do trabalho agrícola e do trabalho industrial hoje não existe mais. É preciso, então, muito mais recriar, eu diria quase voluntariamente, as condições de comunicação humana. Senão, o risco é o isolamento do indivíduo sozinho e multiconectado, o que eu chamo de as solidões interativas, em que se tem todos os aparelhos de comunicação, mas se é incapaz de falar com quem está ao lado. É verdade que a comunicação humana se torna um verdadeiro desafio para além da comunicação técnica. Dito de outro modo, como sempre, é a comunicação técnica que é mais fácil do que a comunicação humana.

**RF :** Em *L'information demain - De la presse écrite aux nouveaux médias* (1979), o senhor alerta para o perigo representado pela disponibilidade de acesso entre informações de massa e informações especializadas para um grupo reduzido de pessoas. Mais de vinte anos após essa constatação que se viabilizou comercialmente, qual foi o preço pago pela sociedade em função disso?

**DW :** Eu acho que não houve uma tomada de consciência, infelizmente, apesar de terem se passado vinte anos. Não houve uma tomada de consciência dos conflitos teóricos, sociais e culturais entre mídia de massa e mídia temática. Está-se ainda hoje fascinado pela mídia individualizada, temática ou Internet e se continua a pensar que isso é um progresso sem se dar conta de que se há um progresso técnico em relação ao rádio e à televisão, há aí um objetivo sociológico e político das mídias de massa que são confrontados à questão da coabitação e do laço social. Logo, tem-se um trabalho muito mais complicado a fazer.

---

**RF :** Em *La folle du logis - La télévision dans les sociétés démocratiques* (1983), o senhor define a televisão como fio condutor da democracia, uma vez que o caráter polissêmico das imagens garantiria a liberdade de interpretação para os cidadãos. Com a realidade simulada pelos computadores, em que se criam artificialmente situações que estimulam a sensibilidade dos usuários, aconteceria o mesmo?

**DW :** É uma questão muito boa, uma excelente questão, parabéns. Mas não é a mesma coisa. Digamos que as imagens que se vê através da televisão deixam o receptor livre para a interpretação por um lado. Por outro lado, o telespectador sabe sempre que a realidade está por aí e que não são as imagens que fazem a realidade, enquanto que no computador, com a realidade virtual, está-se em uma neo-realidade, em um mundo que tem sua própria lógica mas que não tem mais relação com o mundo exterior. Eu diria que para os seres humanos a realidade virtual é muito mais complicada do que a realidade real (sic!) porque isso dá uma ilusão de domínio da realidade que não se tem com as imagens da televisão, porque se sabe muito bem que o que está por trás da televisão, pode-se compreender o que foi modificado.

**RF :** Qual é o papel da televisão na construção da cidadania?

**DW :** Eu penso que o rádio e a televisão desempenharam e desempenham ainda hoje um papel essencial na construção da cidadania porque eles permitiram que se tivesse uma janela aberta sobre o mundo na medida em que o mundo se ampliou. Então, não poderíamos ter globalização, nem democracia se não houvesse o rádio e a televisão por permitirem aos cidadãos compreender um pouco esse mundo e, assim, poder se inserir nele.

**RF :** Nesse mesmo livro, o senhor analisa dois modelos de televisão: o modelo pre-

dominante na Europa (televisão pública), voltada para uma população cuja origem remonta ao próprio território e a um passado comum, concebida como um projeto democrático de emancipação cultural, e o modelo norte-americano (televisão comercial), cuja função é estruturar um público que não tem as mesmas origens étnicas e linguísticas, sendo concebida por critérios mercadológicos. Com a ampliação da União Européia, oficializada em primeiro de maio de 2004, incorporando povos de 25 países que vão poder circular, trabalhar, estudar e votar nos territórios de todos os países-membros, qual modelo de televisão seria o mais adequado?

**DW :** Eu penso que a França e a Europa, e essa é a sua originalidade no mundo, continuarão a ter um duplo sistema, público e privado. Público porque esta é a história do rádio e da televisão na Europa e privado porque isso faz parte de uma economia da cultura européia. E que o problema europeu será, antes de tudo, preservar um equilíbrio entre as duas formas de comunicação para evitar que no mundo e no país a televisão privada seja majoritária. Que a televisão privada seja um pouco majoritária sim, mas não muito esmagadora porque senão a televisão pública não desempenhará mais hoje o papel que teve em outra época. Dito de outro modo, a originalidade da Europa não é somente a diversidade cultural, mas também manter um duplo sistema de televisão que prove que a imagem e a televisão são outra coisa além do dinheiro e da economia. E eu penso que quanto mais houver a globalização da informação e da comunicação, mais se terá um objetivo cultural mundial. E que a Europa, ao fazer coabitar os dois sistemas, está correspondendo a essa necessidade.

**RF :** Em *Éloge du grand public - Une théorie critique de la télévision* (1990), a televisão é vista como promotora de laço social, “objeto de conversação”, que estabelece o vínculo entre os dois extremos da vida social –

---

o indivíduo e a sociedade. Essa função estaria ameaçada pelo possível predomínio da televisão segmentada (fechada) sobre a televisão generalista (aberta). Caso houvesse uma total substituição da televisão generalista pela televisão segmentada, o senhor acha que o público não recorreria a outros “objetos de conversação”?

**DW :** Sim, isso é um risco. É verdade que quanto mais se tem mídias temáticas e individualizadas, quanto mais se tem a Internet, mais será preciso simultaneamente reforçar o papel da rádio e da televisão generalista. Porque a marca da sociedade não é somente a liberdade e a comunidade, mas também a capacidade de viver em comum, ou seja, a partilha de valores comuns apesar da diferença. Então, é verdade que há uma tentação em direção ao comunitarismo e que as mídias de massa são uma entidade fundamental para preservar uma cultura e uma política de interesse geral.

**RF :** Em *Terrorisme à la une - Médias, Terrorisme et Démocratie* (1987), o senhor classifica o terrorismo como ato midiático por excelência. Como o senhor avalia a cobertura jornalística do ataque às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, dia 11 de setembro de 2001?

**DW :** Antes de tudo, eu penso que todas as suas questões são excelentes, parabéns. Infelizmente, eu penso que se não é devido ao perigo da experiência acumulada por parte das mídias ocidentais que, pelo menos por enquanto, alguns terroristas intervêm e utilizam as mídias. Finalmente, é sempre a eles que se chama a atenção, sendo que agimos mal em fazer disso um desfile. Quanto ao 11 de setembro, digamos que foi um evento tão trágico que todas as diferenças culturais saltaram aos olhos. O 11 de setembro repercutiu amplamente pela violência de seus mortos, vítimas do terrorismo. Então, não podemos nunca nos esquecer que mesmo que as mídias não cheguem a tomar posição, haverá um efeito maior dessa capacidade de tudo subverter

por parte dos terroristas. Dito de outro modo, é preciso confiar no receptor para evidentemente não sustentar essa tendência ao terrorismo midiático. A opinião pública sabe resistir.

**RF :** *War Game - L'information et la guerre* (1991) analisa a cobertura jornalística da Guerra do Golfo, entre janeiro e fevereiro de 1991. Como o senhor classificaria o papel do jornalista na cobertura de uma guerra ao vivo e na produção de matérias jornalísticas sobre guerras passadas, assim como as relativas aos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial?

**DW :** Eu penso que o jornalismo e as imagens desempenham um papel muito importante para a memória coletiva. E, por exemplo, você tem razão de citar os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Todas as revistas, todas as imagens que se viu desempenham um papel importante para a memória com relação às pessoas que não a conheceram. Quanto aos aspectos concernentes à cobertura da guerra, tem-se sempre o mesmo ponto em tempos de guerra. As mídias, é inevitável, têm uma tendência a seguir o ponto de vista oficial. E o progresso que houve entre a guerra do Golfo de 1991 e a Guerra do Iraque de 2003 é que em 1991 havia um monopólio da televisão ocidental e que em 2003 havia três sentidos de informação. Então, foi o começo do pluralismo em caso de guerra. Havia as mídias que embarcaram com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, as mídias ocidentais que não embarcaram, como as da França e da Alemanha que não apoiaram a Guerra do Iraque, e a aparição de um canal de informação árabe. Apesar da tensão da guerra, viu-se aparecer pequenos elementos do pluralismo e eu penso que isso foi uma boa sorte, uma boa coisa, mesmo que a guerra seja uma situação muito difícil.

**RF :** A construção de um espaço público maior a partir das transformações políticas decorrentes do Tratado de Maastricht

---

(1992) - implantação do sufrágio universal na Europa e suas conseqüências - é o tema de *La dernière utopie – Naissance de l'Europe démocratique* (1993). Qual é o papel da comunicação nesse processo de abertura simbólica?

**DW :** Eu diria que a Europa está atrasada em relação à comunicação, quer dizer que antes de a comunicação estar atrasada na Europa. Isso porque a ampliação da Europa de 15 para 25 se fez sem nenhuma preparação das opiniões públicas, sem uma real vulgarização das informações, um debate contraditório. E, com isso, houve uma situação um pouco paradoxal em que os europeus foram muito corajosos de fazer tudo o que eles fizeram, muito rápido, muito fundamentalmente, mas que a comunicação não seguiu e o objetivo negativo sobre o senso comum foi ratificar o tratado em todos os países e, principalmente, na França. E como na Europa a base é muito valorizada, muitos países não votaram sim, o que pode ser uma catástrofe para a Europa, simplesmente porque não houve um trabalho de vulgarização e de valorização da Europa. Então, digamos que mais do que nunca a comunicação é um objetivo da Europa política ampliada.

**RF :** Em *Teoria do agir comunicativo* (1987), Jürgen Habermas afirma que a função da comunicação é assegurar o consenso nas sociedades democráticas. O senhor atribui à comunicação o papel de gerenciadora de conflitos na sociedade contemporânea. Qual é a diferença entre essas duas definições?

**DW :** É uma verdadeira diferença. Para Habermas, sabe-se, esse é um modelo do século XVIII elitista, o espaço público é limitado, a comunicação é limitada às elites e, de fato, a sociedade era controlada pelo espaço público e pelas elites. Eu tenho uma visão muito mais da sociedade de massa, da abertura e então eu penso que o papel da comunicação é ainda mais importante

porque ela é justamente o espaço que permite que os pontos de vista contraditórios se expliquem, exponham-se claramente e, de uma certa maneira, pela violência das palavras se impede a violência dos golpes. Então, eu sou habermasiano, mas muito mais em uma lógica de sociedade aberta e de democracia de massa com relação a ele que ficou muito mais restrito a uma democracia de elite. Eu acredito que a democracia de massa hoje não tem nada a ver, ou melhor, não tem grande coisa a ver com o contexto intelectual no qual estava inscrito Habermas. Habermas era um alemão fascinado pela violência do fascismo, enquanto eu sou um francês que faz parte de um outro mundo, apesar das guerras e dos conflitos.

**RF :** O seu conceito de comunicação vê a comunicação como uma dupla hélice que mistura as dimensões normativa e funcional através das técnicas de comunicação e de informação. Quem é responsável por essa mistura?

**DW :** Mais outra vez, uma boa questão. Ninguém é responsável por isso que mistura as duas dimensões. São os homens que são responsáveis. Quer dizer, a capacidade de defender a dimensão normativa e a comunicação, a capacidade de resistir ao canto da sereia da comunicação funcional e a uma aura da técnica, e a uma aura do objetivo econômico da comunicação. Dito de outra forma, quanto mais os homens são capazes de compreender que a comunicação funcional é predominante, mas que a comunicação normativa é a mais importante, eles podem salvar, podem separar a técnica e a economia sob o risco de haver uma catástrofe.

**RF :** Em *Internet, et après? Une théorie critique des nouveaux médias* (1999), o senhor reduz a Internet a um banco de dados, que obedece a uma lógica da demanda, ao invés de se orientar por uma lógica da oferta, como os meios de comunicação tradicionais. Numa

---

época em que se assiste à convergência de todos os meios de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão) à Internet o senhor mantém a proposição de que a Internet não é um meio de comunicação?

**DW :** Eu mantenho que a Internet é um sistema de informação interativo, isso é verdade, que permite a milhares de pessoas acessar as informações, um acesso bastante formidável, dito de outra forma, sobre a liberdade da interatividade, mas que não é uma mídia de massa, em todo o caso, é uma mídia comunitária eventualmente porque só permite a comunicação entre aqueles que se conectam. A Internet não conta com a solução dada pelo rádio e pela televisão que é de estabelecer a comunicação entre meios heterogêneos. A força do rádio e da televisão é de gerenciar o heterogêneo. A fraqueza é que é um nível de comunicação mais fraco que a Internet. A força da Internet é gerar uma comunicação mais profunda no nível individual e sua fraqueza é que é relativamente inadaptada ao heterogêneo, ao social e ao cultural.

**RF :** Em *L' autre mondialisation* (2003) o senhor afirma que a coabitação cultural, que depende da regulamentação jurídica em níveis nacional e internacional, do reforço das instituições internacionais para regular a globalização, bem como levar em consideração a questão da identidade, da cultura e da comunicação nas relações internacionais, é a alternativa política ao projeto técnico da sociedade. Isso quer dizer que as novas tecnologias de comunicação não têm papel relevante em relação à coabitação cultural, realidade cada vez mais presente na sociedade contemporânea?

**DW :** Não, quer dizer que as técnicas de comunicação são indispensáveis para organizar essa coabitação cultural porque o rádio e a televisão permitem ver o outro. Mas não é só a técnica que pode garantir a coabitação, ainda que possa ajudar como instrumento de diálogos e de tolerância. Por-

que a coabitação cultural é um objetivo político extremamente difícil uma vez que é preciso suportar o outro. Então, o rádio e a televisão são meios que podem fazer isso mais do que a Internet.

**RF :** O senhor já lançou três livros de entrevistas com nomes que influenciaram as idéias e a vida na França: *Raymond Aron, le spectateur engagé* (1981), *Le choix de Dieu – Entretien avec Jean Marie-Lustiger* (1987) e *Jacques Delors, l'unité d'un homme* (1994). Quem o senhor gostaria de entrevistar hoje? Por quê?

**DW :** Eu adoraria ter feito um livro de entrevistas com o papa João Paulo II porque seu passado é extraordinário no plano internacional. Outra pessoa internacional que eu acho que desempenhou um papel essencial para a paz é Kofi Annan, secretário geral da ONU. De resto, eu creio que no nível europeu eu não vejo por enquanto alguma grande personalidade. Digamos que na França há uma mulher, pelo menos eu considero, que desempenhou um papel muito importante: é Simone Weil, porque ela era um símbolo da emancipação da mulher pós-Auschwitz.

**RF :** Qual é o tema de seu último livro, *Il faut sauver la communication* (2005)?

**DW :** Em geral, quer dizer não há democracia sem comunicação, que é preciso lembrar, de tempos em tempos, que a comunicação não se resume só a pagar a publicidade, mas que a palavra comunicação sempre foi ligada à emancipação, ao respeito do outro e à liberdade democrática. É preciso salvar a dimensão democrática da comunicação em relação à dimensão econômica e publicitária. E que salvar a comunicação é lembrar que essa palavra, apesar do comércio, tem uma dimensão mais forte, humanista, democrática. É isso que é preciso salvar. Quer dizer, também, não se engane. O essencial da comunicação é o respeito ao outro, o diálogo entre as cultu-

ras, construção da tolerância. E é sobre isso que a comunicação é certamente responsável.

**RF** : Philippe Breton o considera alguém que defende a utilização racional das técnicas. Patrice Flichy o classifica como um *blasé* da Internet. Como o senhor definiria sua posição sobre as técnicas: tecnófilo, tecnófilo ou moderado?

**DW** : Eu diria que eu sou mais fascinado pela complexidade e a fragilidade da comunicação humana e política e que eu não sou fascinado pela técnica. Não sou nem tecnófilo, nem tecnófilo. Eu tenho consciência que, na história, a técnica mais sofisticada não impediu a maior barbárie. Dito de outra forma, o que me interessa sempre na técnica não é a sua performance técnica mas o que os homens preferem com ela. É a velha questão da técnica de comunicação, é sempre a questão política da orientação.

**RF** : Em minha tese, *Comunicação e cibercultura: uma forma social da tragédia da cultura* (2004), eu proponho que a comunicação segundo o senhor é uma forma social segundo Simmel, porque a comunicação, nesse caso, coloca as pessoas em interação a partir de diversos motivos (a identidade, a democracia, o conflito, o amor, o direito, etc.). A singularidade de nossa época seria a da técnica ser um conteúdo constante da forma social comunicação, permitindo que a comunicação se combine com todas as outras formas sociais. O senhor concorda com essa proposição?

**DW** : Sim, de modo geral estou de acordo sobre essa definição da comunicação que toma a forma social da qual fala Simmel, mas o contexto de Simmel, do século XIX, é muito distante do nosso, tudo mudou muito. A intuição é genial mas todo o contexto é diferente. Em todo caso, o que é verdadeiro é que a comunicação, do meu ponto de vista, faz parte de um grande parâmetro, condição da paz e da guerra, e que é

um objetivo político e democrático considerável e que a primeira coisa a fazer será valorizar a importância da comunicação e tirá-la somente do lado da técnica e da economia. O mais importante na comunicação não é jamais a técnica e a economia, mas a representação cultural na relação com o outro, é a sociedade que há por trás dessa palavra. É por isso que ela é um objetivo humanista e democrático .

## Nota

\* Entrevista concedida à Prof. Dra. Sandra Portella Montardo, professora do curso de Comunicação Social do Centro Universitário FEEVALE.

## Referências

WOLTON, Dominique. *Le nouvel ordre sexuel*. Paris: Seuil, 1974.

\_\_\_\_\_; FAIVRET, J.-P.; MISSIKA, J.-L. *Les dégâts du progrès. Les travailleurs face au changement technique*. Paris: Seuil, 1977.

\_\_\_\_\_; GIRAUD, A.; MISSIKA, J.-L. *Les réseaux pensants. Télécommunications et société*. Paris: Masson, 1978.

\_\_\_\_\_; LEPIGEON, J.-L. *L'information demain. De la presse écrite aux nouveaux médias*. Paris: La Documentation française, 1979.

\_\_\_\_\_; FAIVRET, J.-P.; MISSIKA, J.-L. *L'illusion écologique*. Paris: Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_; FAIVRET, J.-P.; MISSIKA, J.-L. *Le tertiaire éclaté. Le travail sans modèle*. Paris: Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_; MISSIKA, J.-L. *Raymond Aron, spectateur engagé. Entretiens avec Raymond Aron*. Paris: Julliard, 1981.

\_\_\_\_\_; MISSIKA, J.-L. *La folle du logis. La télévision dans les sociétés démocratiques*, Paris: Gallimard, 1983.

\_\_\_\_\_; WIEVIORKA, M. *Terrorisme à la une. Médias, terrorisme et démocratie*. Paris: Gallimard, 1987.

- 
- \_\_\_\_\_; MISSIKA, J.-L. *Le choix de Dieu*. Entretiens avec J.-M. Lustiger. Paris: Fallois, 1987.
- \_\_\_\_\_; *Eloge du gran public*. Une théorie critique de la télévision. Paris: Flammarion, 1990.
- \_\_\_\_\_. *War game*. L'information et la guerre. Paris: Flammarion, 1991.
- \_\_\_\_\_. *La dernière utopie*. Naissance de l'Europe démocratique. Paris: Flammarion, 1993.
- \_\_\_\_\_; Jacques Delors. *L'unité d'un homme*. Entretiens avec J. Delors. Paris: Odile Jacob, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Internet, et après?* Une théorie critique des nouveaux médias. Paris: Flammarion, 1999.
- \_\_\_\_\_. *L'autre mondialisation*. Paris: Flammarion, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Il faut sauver la communication*. Paris: Flammarion, 2005.